

# Sarney: Arena não teme debandada

por Maria Teresa Fernandes  
de Brasília

Agora que o governo decidiu criar apenas um partido de apoio no Congresso Nacional, surge naturalmente uma dúvida: "Como conseguir, diante de constatadas dissidências na Arena, a maioria desse partido?". Para o presidente da Arena, José Sarney, a questão é simples, sem dilemas, pois se o governo optou por essa saída é porque tem certeza de que será majoritário. Quanto às divergências internas e aos anúncios de abandono do partido, ele tem uma solução já citada pelo ministro da Justiça, Petrônio Portella. Em cada caso, as lideranças do partido usarão o mais possível a técnica da conciliação e da persuasão. "Simplesmente faremos política", afirmou Sarney.

Essas dissidências, conforme disse, não assustam o governo por serem poucas e sem grande peso. Sarney assegura que a Arena está tranquila e não tem receio de uma debandada expressiva, mesmo porque parece confiante nas armas do governo para convencer os relutantes.

O caso do deputado Carlos Wilson (Arena-RN) — que teve como "punição", por não ter votado favoravelmente ao projeto governamental de anistia, a demissão de seus correligionários de cargos no Executivo — pode repetir-se. Embora não tenha dito isto, Sarney defendeu a lealdade partidária como item básico da estrutura de um partido: "Só assim criaremos disciplina voluntária e não obrigatória como base de um partido democrático".

Como Portella, Sarney considera que o governo é suficientemente inteligente para contornar as divergências de seu partido "fazendo política no bom sentido", ou seja, encarando a política como "ciência do bem comum, que objetiva antes de tudo a superação de crises". Confia muito na liderança do presidente Figueiredo para a resolução dos impasses partidários: "No momento em que o presidente decidiu a conveniência de um partido, todos nós nos solidarizamos".

Ontem mesmo, Portella afirmou que o governo defende o partido único porque "isso facilita as suas articulações e lhe é conveniente por uma série de fatores que seria fastidioso enumerar".

Apesar de a decisão do presidente Figueiredo ter sido suficiente para convencer alguns arenistas a ficarem no partido do governo, há ainda alguns que continuam criticando a atitude. Um deles é o deputado Alexandre Machado, que ontem disse no plenário não ver nenhum sentido na extinção da Arena: "Se o primeiro não soube ser partido, o tal 'Arenão' também não o será, pois igualmente

em seu seio haverá o germe da destruição". Isso porque, acrescentou, "o mal da Arena está no fato de ela ser governo e não estar no governo".

Sua queixa, como a de muitos arenistas e emedebistas, é a de que a decisão da extinção deveria caber ao Congresso Nacional, e não ao Executivo. Já que o projeto governamental deverá vir com a cláusula da extinção, só resta a esses parlamentares a esperança de que o Congresso rejeite a proposta. Alexandre Machado diz que votará contra por julgar que o novo partido será como a Arena, "destituída de idéias e vivendo apenas com o fim de votar os projetos de interesse do governo".

O presidente do MDB, Ulysses Guimarães, chegou ontem a duvidar de que o governo realmente consiga maioria num só partido. afirmou numa entrevista à imprensa: "O governo deve refazer com cuidado suas contas para ver se não está iludido como no caso Márcio Moreira Alves".